

Sobre os diferentes processos introjetivos e a hipótese de uma “função ômega”¹

Gianna Williams²

Tradução por: Augusta Gerchmann³
Camila Reinert⁴,
com autorização da autora.

Neste artigo sobre processos introjetivos, estou me apoiando principalmente em um quadro de referência kleiniano e em alguns conceitos de Bion. No entanto, se tento descrever o tema central, não consigo pensar em imagem mais bela do que a fornecida por Freud (1917/1957) quando falou, em *Luto e melancolia*, da “sombra do objeto caindo sobre o ego” e das paráfrases dessa frase oferecidas por Karl Abraham (1924) ao falar da “radiância do objeto” refletida sobre o ego.

Esse jogo de luzes e sombras na qualidade dos objetos internos adquire uma dimensão quase tangível na descrição do mundo interno e do espaço interno que é central na obra de Klein. A existência desse espaço interno estava implicitamente presente na obra de Freud: ele falava da sombra do objeto; esse objeto interno deve ocupar um espaço interno. No caso de Schreber, Freud (1911/1958) falou da catástrofe externa como uma imagem espelhada de uma catástrofe interna.

¹ Tradução do artigo: Gianna Williams (1999). On different introjective processes and the hypothesis of an “omega function”. *Psychoanalytic Inquiry*, 19(2), 243-253, DOI: 10.1080/07351699909534245

² Psicanalista de adultos e crianças da British Psychoanalytical Society (BSP). Foi consultora do Departamento de Crianças e Adolescentes na Clínica Tavistock. Tem diversos artigos e livros publicados, muitos sobre transtornos alimentares.

³ Psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA), membro titular e didata.

⁴ Psiquiatra, membro do Instituto da SBPdePA.

Começarei com uma descrição dos processos introjetivos que estão mais relacionados ao jogo de luzes do que ao jogo de sombras. Desejo falar, em primeiro lugar, dos processos introjetivos que facilitam o desenvolvimento. Na segunda parte deste artigo, vou me concentrar em tipos específicos de processos introjetivos que criam um obstáculo ao desenvolvimento e podem provocar a introjeção de um objeto que desempenha uma função que é o OPOSTO da função alfa.

O Jogo de Luzes

Em *Inveja e gratidão* (1957), Melanie Klein deu uma definição muito bonita do processo que fornece um tecido conectivo na personalidade. A base de um sentimento de integração, de estabilidade, de segurança interior, ela escreve, é a consequência da “introjeção de um objeto que ama e protege o self e é amado e protegido pelo self” (p. 188). Bion (1962) desenvolveu a teoria de Klein, enfatizando a função desse objeto introjetado, que é essencialmente fazer os sentimentos pensáveis, compreensíveis e, portanto, toleráveis. Ele descreve como é necessário, para um desenvolvimento emocional saudável, ter a experiência de um objeto parental (muitas vezes é a mãe) que pode receber um conjunto de sensações, sentimentos e desconfortos aos quais a criança não pode dar um nome e, portanto, é incapaz de pensar. A função desse objeto, definida por Bion como “função alfa” ou “rêverie”, como vimos, é o de guardar na mente, dar um sentido, fazer esses sentimentos serem possíveis de pensar, também para a criança. É necessário, para cumprir essa função, que o objeto parental seja capaz de tolerar a dor psíquica que a criança não consegue tolerar ela mesma. Após experiências repetidas dessa contenção, tal função pode ser internalizada pela criança à medida que ela cresce e gradualmente se torna capaz de lidar melhor com sua ansiedade dentro de seu próprio espaço mental.

Em uma recente conferência sobre o tema da reparação, fiquei impressionada com as apresentações de dois psicoterapeutas infantis. A experiência de transferência de seus pacientes infantis expressava de maneira impressionante sua apreciação por serem ajudados a pensar. Nicoletta Lana falou sobre Giorgio, uma criança que nasceu com uma grave malformação do diafragma e que precisou ser operada com urgência logo após o nascimento. Na primeira parte de seu artigo, a terapeuta descreve uma confusão no mundo interno de Giorgio, que era semelhante àquela que se apresentava em seu corpo ao nascer, no qual os limites necessários ainda não haviam sido definidos. Acompanhamos o desenvolvimento da relação transferencial, processo que levou Giorgio, na época com 10 anos de idade, a definir sua terapia como uma “oficina de pensamentos” (“officina dipensieri”).

O próximo caso, de uma criança que havia sofrido severo abuso físico por sua mãe quando era um bebê e esteve muito perto da morte, foi apresentado por Rosemary Duffy. Ela falou sobre Michael como sendo inicialmente cheio de ansiedades persecutórias e extremamente confuso. Também para ele a terapia gradualmente se tornou uma "oficina de pensamentos", mas, usando as próprias palavras do Michael, de 7 anos, compartilharei com vocês a definição que ele deu de um dos conceitos centrais da teoria de Wilfred Bion. Este é Michael falando com seu terapeuta: "Eu sei que você estava pensando naquele momento. Às vezes, quando vejo seu rosto pensando, estou pensando também". Mais tarde: "Estou pensando em entrar para um clube de reflexão". Essa mesma criança pediu ao terapeuta: "Por favor, ajude-me a pensar pensamentos". Ele certamente desejou e foi capaz, nesse ponto, de ser ajudado a pensar sobre "onde dói e por que dói".

Agora vou passar do contexto terapêutico para um observacional, sempre com referência específica à introjeção de um objeto que ajuda a pensar e negociar sentimentos difíceis, mas não, neste caso, sentimentos traumáticos. Vou falar sobre uma menina, Julie, a quem observei desde o nascimento. Ela tinha 19 meses de idade na época da observação que vou citar.

Julie

Julie teve um grande acesso de raiva porque sua mãe a impediu de brincar com um objeto frágil. Ela ficou com o rosto vermelho, bateu os pés e ficou, mesmo que brevemente, intensamente irritada e chateada. A mãe a colocou no colo e, inicialmente, Julie a empurrou dizendo: "Vá embora, vá embora". Julie se acalmou pouco a pouco enquanto a mãe a abraçava com amor e falava com uma voz suave. Ela disse que podia brincar com algo que não quebraria tão facilmente. Ela ofereceu a Julie alguns copos de plástico empilhados. Inicialmente, Julie jogou os copos fora, e sua mãe os pegou e montou um dentro do outro. Então Julie, sentada no chão, começou um jogo com os copos. Ela construiu uma torre colocando-os um em cima do outro, derrubou a torre, construiu-a novamente e, finalmente, começou a montá-los um dentro do outro. A mãe continuou falando com ela, dizendo que Julie havia derrubado a torre, mas os copos não estavam quebrados. Julie sorriu, repetindo: "Não estão quebrados". Então ela se levantou e pegou uma boneca chamada Poppy; era uma de suas favoritas desde quando ela era muito pequena. (Eu já a tinha visto usando a boneca em outras brincadeiras antes como uma espécie de alter ego). Julie pegou Poppy pelo braço e a sacudiu, fazendo um som zangado. Na verdade, a imagem da boneca tendo uma crise de birra era extremamente realista. Julie então colocou a boneca no colo da mãe, transmitindo muito claramente a mensagem de que desejava que a

mãe fizesse o seu melhor. A mãe conversou com a boneca e depois devolveu para Julie, que reiniciou a sequência, sacudindo a boneca e a colocando no colo da mãe. Na terceira ocasião, Julie consolou, ela mesma, a boneca, repetindo alguns fragmentos das palavras de sua mãe. Essa sequência foi repetida muitas vezes durante essa observação e tornou-se cada vez mais um jogo.

Obviamente, é difícil observar a textura completa de um processo de introjeção quando ele é tomado no lugar em que está ocorrendo a observação. Pudemos ver apenas um fragmento, um episódio desse lento processo. Era necessário para Julie repetir a sequência enquanto trabalhava nisso muito seriamente, mesmo que eu me referisse a isso como um jogo. Ela estava trabalhando na diferenciação entre uma parte de si mesma dominada por sentimentos de raiva (representada pela boneca) e uma parte que poderia observar e tentar compreender ou mesmo acalmar esses sentimentos, assim como sua mãe havia feito com ela, não apenas nessa ocasião, mas, repetidamente, nos 19 meses anteriores. Um dos aspectos mais significativos dessa sequência é, a meu ver, o fato de que Julie inicialmente colocou a boneca no colo da mãe para que ela a fizesse melhorar, quase como se dissesse: “Você me mostra como fazê-lo”. Essa atitude, com seu componente de admiração pelo objeto, é muito central nos processos introjetivos favoráveis ao desenvolvimento.

O Jogo das Sombras

Eu disse no início do artigo que falaria sobre luzes e sombras. Já falei do “jogo de luzes”, mas agora gostaria de descrever processos introjetivos que estão muito mais na área das sombras, que não só não facilitam o desenvolvimento, mas também o atrapalham. Wilfred Bion (1962) descreveu o processo que ocorre quando o objeto é impermeável e não está aberto para receber projeções. As projeções que não foram aceitas voltam para o bebê, como ele diz, como “terror sem nome”.

Em meu trabalho com pacientes sofrendo de transtornos alimentares, desenvolvi um interesse na qualidade dos processos introjetivos e, em particular, na introjeção de uma função a qual eu poderia me referir como uma possível *função ômega*, a fim de enfatizar como suas características estão na extremidade oposta do espectro em relação à *função alfa*. As funções ômega derivam da introjeção de um objeto que não é apenas impenetrável, mas ao mesmo tempo impenetrável e transbordando de projeções. Assim como a introjeção da função alfa é útil para estabelecer ligações na organização de uma estrutura, a introjeção da função ômega tem o efeito oposto, interrompendo e fragmentando o desenvolvimento da personalidade.

Essa característica traz à mente desenvolvimentos relativamente recentes no campo da teoria do apego. Mary Main (Main & Solomon, 1990) sugeriu que uma quarta categoria de padrão de apego, a saber, o de apego desorganizado e desorientado, deveria ser adicionada às três categorias bem conhecidas (seguro, ambivalente e evasivo). As crianças que desenvolveram tipos de apego desorganizado e desorientado foram expostas à experiência de pais que sofreram um trauma em suas vidas e eram assustados ou assustadores, ou ambos. De uma perspectiva psicanalítica, pais assustados ou assustadores são aqueles que projetam ansiedade em vez de contê-la.

Para esclarecer o que quero dizer com função ômega, pode ser útil dar alguns exemplos curtos de duas observações infantis nas quais fatores externos (não relacionados à psicopatologia dos pais) criaram uma situação em que o próprio bebê era o receptáculo da ansiedade por ele percebida como persecutória. A tentativa de rejeitar a introdução dessa desorganizadora função ômega assumiu a forma de graves dificuldades alimentares. Em ambos os casos, era impossível para os objetos parentais conter projeções de ansiedade; especialmente, eles não podiam conter o medo do bebê de que ele próprio morresse, o que é definido por Bion como a ansiedade primitiva mais crucial. Em ambas as observações, havia uma nuvem muito pesada sobre os pais. Era uma nuvem de luto, que não havia sido superada ou que era impossível de superar. Seus estados mentais dificultaram a aceitação da ansiedade do filho em relação à morte e, em vez disso, estabeleceram um processo que reforçou a ansiedade do bebê em relação à própria morte. Assim, não só o bebê não foi contido, mas tornou-se o receptor das projeções parentais. Ambos os bebês pareciam ter introjetado um objeto que pode ser visto como desempenhando uma função ômega.

Faruk e Patrick

Faruk era filho de pais refugiados da Somália; nas famílias de ambos os pais, parentes morreram por causa da guerra ou da fome. Era impossível entrar em contato com os membros sobreviventes porque eles estavam se mudando de um lugar para outro a fim de encontrar comida. Não houve notícias da Somália no momento em que a criança foi encaminhada ao departamento de pediatria de um hospital de Londres devido a sérias dificuldades de alimentação, incluindo recusa alimentar e vômitos persistentes. Fouzia, a mãe, tinha quase certeza de que seu pai havia morrido, mas essa foi uma perda a qual ela não podia afirmar, portanto, ela não poderia começar a lamentar.

Os sintomas de Faruk eram particularmente significativos porque ele estava rejeitando comida em uma família da qual muitos parentes morreram de fome.

O que aumentou ainda mais as ansiedades da mãe sobre a possível morte do bebê. O medo de que a criança pudesse morrer provocava a frequente alimentação forçada; como alternativa, Faruk era alimentado com a mamadeira enquanto dormia. A família foi acompanhada com uma “observação participante” pela aluna da Tavistock / University of East London, Mariangela Pinheiro (Pinheiro, 1993). A partir de suas observações, podemos ver uma série de elementos que sustentam a hipótese de que uma grande ansiedade sobre a morte pode ter transbordado dos pais para o bebê e que, pelo menos até certo ponto, a rejeição de Faruk à comida pode ter tido o objetivo de evitar a introjeção de um objeto transbordando, o que poderia ter um efeito desorganizador em seu mundo interno.

Apesar do afastamento dessa literal rejeição, há evidências de que algumas introjeções de elementos disruptivos e perturbadores aconteceram. Por exemplo, Faruk é descrito pelo observador com 1 ano e 2 meses de idade como incapaz de manter sua atenção focada em uma tarefa por qualquer período de tempo, facilmente distraído e como estando em um estado de estupidez e um tanto desajeitado na necessária coordenação de segurar um objeto com firmeza. Felizmente, esses momentos menos organizados ou evolutivamente desorganizados se alternavam com outros em que a criança era mais coordenada e tinha melhor coesão.

Um caso ainda mais alarmante foi descrito pelo mesmo observador participante (Pinheiro, 1993). Patrick, um bebê de 4 meses de idade, foi originalmente encaminhado ao departamento de pediatria de um hospital de Londres por causa da recusa de comida e cuspiendo alimentos sólidos e líquidos. Ele tinha adquirido peso mínimo desde o nascimento e, nesse caso também, ansiedades muito severas em relação à morte pesavam sobre os pais. Três filhos nasceram antes de Patrick, todos prematuros; eles morreram poucas horas após o nascimento. Patrick também nasceu prematuramente, e sua mãe se recusou a olhar para ele durante a primeira semana porque tinha certeza de que ele era “mais um a partir”. A recusa da criança em comer naturalmente aumentou as ansiedades dos pais de uma forma exponencial, e essa ansiedade transbordou para Patrick. Ele tentou conter as projeções com uma rejeição violenta, muito mais violenta do que a que se observava em Faruk. Houve uma melhora com a ajuda do hospital onde a criança foi internada, bem como com a ajuda do observador participante, mas foi muito difícil ajudar os pais a lidar com a sua maneira tomada de pânico de alimentar forçosamente a criança.

A imagem da cozinha como um campo de batalha cheio de comida atirada ou cuspidada na mobília ou no chão por Patrick, descrita pelo observador em uma visita quando Patrick tinha 7 meses de idade, fornece uma imagem gráfica de

uma função que é perturbadora, ao invés de integradora no mundo interno. Se olharmos para a descrição vívida da cozinha na observação de Patrick da mesma forma que olharíamos para um desenho em uma sessão de psicoterapia infantil, vemos que um fator contribuinte importante na fragmentação do mundo interno corresponde à raiva explosiva experimentada pela criança que não está recebendo contenção, mas é usada como o receptáculo de projeções com as quais ela não pode lidar.

Usei o termo *função ômega* em vez de *função menos alfa* porque não queria fazer uma referência ao quadro negativo de Bion. A projeção da ansiedade em um bebê não implica, por si só, a presença daqueles elementos de perversão de vínculos, ou vínculos falsos, que caracterizam a grade negativa. Ele cria um vínculo indesejável, até mesmo perigoso, mas não necessariamente um vínculo perverso. De fato, duvido que houvesse algo de perverso nas projeções de ansiedade sobre a morte em Faruk ou Patrick.

Daniel

Devo concluir este artigo com uma referência a outro bebê prematuro, um paciente que agora é adolescente (Williams, 1997). Daniel era gravemente bulímico e suicida quando começou a terapia e me disse que ao nascer ele era o menor bebê do condado onde sua família vivia. Ele esteve em uma incubadora por mais de 2 meses e, segundo sua mãe, o médico o havia dado por perdido. Quando Daniel ainda estava na incubadora, sua mãe engravidou de um "bebê substituto" que nasceu apenas 11 meses depois de Daniel; se Daniel tivesse nascido a termo, haveria apenas 8 meses entre eles.

A falta de um espaço de contenção que pudesse conter Daniel era muito concreta, na medida em que ele perdeu o espaço no útero da mãe ao qual ainda teria direito. Além disso, sua mãe, uma mulher que passou por privações muito graves na primeira infância e sofria de graves sintomas psicóticos, não podia oferecer um espaço receptivo para seus filhos. Durante suas frequentes internações em um hospital psiquiátrico (o primeiro ocorreu após sua tentativa de atear fogo na casa), seus filhos passaram longos períodos em orfanatos. O pai de Daniel era alcoólatra, viciado em drogas pesadas, e também não podia cuidar dos filhos. Daniel tornou-se anoréxico como a mãe aos 15 anos e bulímico como ela aos 18.

Nunca conheci a mãe de Daniel, embora tenha algumas informações sobre ela porque foi atendida por um colega na Clínica Tavistock. Ela certamente sofre de problemas psicopatológicos graves, e isso diferencia significativamente o caso de Daniel dos bebês aos quais me referi anteriormente. Daniel parece

ter introjetado, principalmente por meio do relacionamento com a mãe, um objeto que derrama caos, perturbação e ansiedade em seu mundo interno. Isso ficou muito evidente quando comecei a vê-lo e quando ele tentava se livrar desse agente perturbador por meio de seus sintomas bulímicos. No momento em que começamos a terapia, ele comia e vomitava até seis vezes por dia, e as sessões muitas vezes me faziam sentir inundada por um material cheio de confusão e eu tinha que lutar para fazer ligações.

Minha experiência contratransferencial foi, no entanto, muito diferente das que tive com pacientes que estavam determinados a atacar as ligações. Daniel estava com muito medo de que suas projeções pudessem ser letais e que eu as devolvesse a ele. Lembro-me de uma carta que ele me escreveu depois de uma sessão de quinta-feira.

“Eu recém vi você hoje e já estou aqui escrevendo. Tenho certeza de que você está cansada de mim. Li quase todos os minutos desde nosso encontro. Comecei a ler Platão para o meu ensaio, então lembrei que não tinha terminado o livro de Joyce que estava lendo, então deixei Platão e comecei a ler Joyce. Agora são 11 horas da noite. Eu li um pouco de Platão, um pouco de Joyce, quase terminei o incrível Retrato de Dorian Gray de Wilde, mas não consigo me lembrar muito sobre ele. Então comecei a ler Platão de novo, mas não consigo ficar com nada. Se eu pudesse vir para uma sessão amanhã, você poderia me ajudar a encontrar alguma rima ou razão para o que está acontecendo.”

Sem dúvida, há uma grande dose de idealização nessa carta, mas também, eu acho, um desejo genuíno de aprender a levar para dentro algo que pode permanecer; há também um elemento do “por favor, mostre-me como fazer isso” que vimos na relação entre a bebê Julie e sua mãe. Também se pode ouvir em suas palavras a presença de um agente que cria ansiedade e perturbação, talvez uma função ômega desorganizadora. Sua captura aleatória mudou de comida para literatura, mas ainda nada permanece dentro.

O tempo passou e algumas áreas de luz começaram a emergir lado a lado com áreas de sombra no mundo interno de Daniel. Não creio que possamos, por enquanto, falar sobre uma introjeção estável da função alfa, que poderia ajudá-lo em possíveis incursões perturbadoras da função ômega. No entanto, de um ponto de vista descritivo, agora há mais “rima e razão” na vida de Daniel. Ele não sofre de sintomas bulímicos; ele passou em alguns exames; ele mora com a namorada, uma estudante espanhola que, creio, tem os pés bem cravados no chão. A relação com a mãe é muito menos conflituosa.

Voltemos à paisagem interna. No âmbito deste capítulo, não posso fornecer um relato detalhado de uma sessão, mas assim como descrevi um jogo da criança Julie para dar um vislumbre de sua introjeção de alguns aspectos de seu

relacionamento com sua mãe, irei me referir brevemente a um sonho de Daniel; o qual me deu esperança sobre o desenvolvimento de processos introjetivos. Daniel precisou escrever um ensaio sobre a diferença entre conhecimento e crença e teve grande dificuldade em escrevê-lo. Em seu sonho, falei com ele e disse-lhe que era necessário um ato de fé em nosso relacionamento porque ele não tinha certeza ou conhecimento sobre mim. Parecia que esse sonho estava relacionado a algo que havíamos falado em relação ao feriado que se aproximava e aos sentimentos de Daniel de que ele não poderia ter certeza sobre mim. Na verdade, ele temia que eu "ficasse farta dele" e não voltasse.

Não havia sombra de ambivalência no sonho e, sem dúvida, havia um elemento de idealização. Ainda era muito difícil para Daniel tolerar o conflito de sentimentos confusos que experimentou em relação a mim. No entanto, o sonho o ajudou a encontrar alguma "rima e razão" e a colocar sua confiança em seu objeto interno. Isso o ajudou a escrever o ensaio sobre conhecimento e crença antes de sua sessão subsequente. Minha função no sonho, creio eu, era ajudá-lo a pensar sobre algo doloroso em relação à ansiedade da separação agravada pelo feriado que se aproximava. Meu papel era ajudá-lo a refletir sobre "onde dói e por que dói" e talvez se tornar mais capaz de tolerar a dor psíquica.

Vemos algo semelhante na observação de Julie quando ela pede à mãe que a ajude a reintegrar seus sentimentos de raiva e frustração, mas o elemento central do sonho de Daniel diz respeito à dor psíquica relacionada à *perda* e à *separação*. Como vimos, Freud escreveu em *Luto e melancolia* (1917/1957) que, se não se trabalha a experiência da perda, se há um fracasso desse processo, quer se esteja lidando com a perda real, quer com a separação, "a sombra do objeto recai sobre o ego" (p. 249). A observação de Faruk e Patrick nos deu uma imagem da sombra dessa nuvem pesada relacionada a perdas inanimadas ou não lamentáveis.

Um feriado de uma semana não era, em si, uma separação dramática, mas confrontou Daniel com o desafio de pensar em alguém ausente e de preservar aquela pessoa na mente como um bom objeto. Portanto, o sonho nos dá alguma esperança de que os processos introjetivos estão começando a tomar lugar, o que provavelmente ajudará Daniel nessa direção. Espero que o nosso trabalho o ajude a internalizar o que foi descrito, nas palavras de Klein já citadas, como base do sentido de segurança interior: "a introjeção de um objeto que se ama e protege o self e é amado e protegido pelo self" (Klein, 1957).

Referências

- Abraham, K. (1924). A short study of the development of the libido, viewed in the light of mental disorders. In *Selected papers on psycho-analysis* (pp. 418-501). London: Hogarth Press.
- Bion, W. R. (1957). Differentiation of the psychotic from the non-psychotic personalities. *The International Journal of Psycho-analysis*, 38(3-4), 266-275.
- Duffy, R. (1995). La lotta di un bambino maltrattato verso stati reparativi della mente. In A. Cosenza, M. Monteleone, & G. Polacco Williams (Eds.), *La riparazione* (pp. 85-111). Pisa: Edizioni del Cerro.
- Freud, S. (1958). Psychoanalytical notes on an autobiographical account of a case of paranoia (dementia paranoides). In *Standard edition* (Vol. 11, pp. 9-82). London: Hogarth Press. (Original work published 1911)
- Freud, S. (1957). Mourning and melancholia. In *Standard edition* (Vol. 14, pp. 243-258). London: Hogarth Press. (Original work published 1917)
- Klein, M. (1957). Envy and gratitude. In *The writings of Melanie Klein* (Vol. 3). London: Hogarth Press.
- Lana, N. (1995). All'inizio era tutta una confusione. In A. Cosenza, M. Monteleone, & G. Polacco Williams (Eds.), *La riparazione* (pp. 111-127). Pisa: Edizioni del Cerro.
- Main, M., & Solomon, J. (1990). Procedures for identifying infants as disorganised/disoriented during the Ainsworth strange situation. In M. T. Greenberg, D. Cicchetti, & E. M. Cummings (Eds.), *Attachment in the pre-school years* (pp. 121-161). Chicago: University of Chicago Press.
- Pinheiro, M. A. (1993). *A clinical study of early feeding difficulties: Risk and resilience in early mismatches within parent-infant relationship* (Master's thesis). Tavistock Clinic, London.
- Williams, G. (1997). *Internal landscapes and foreign bodies: Eating disorders and other pathologies*. London: Duckworth.

Copyright © Melvin Bornstein, Joseph Lichtenberg, Donald Silver, reimpresso com permissão de Taylor & Francis Ltd, <http://www.tandfonline.com> em nome de Copyright © Melvin Bornstein, Joseph Lichtenberg, Donald Silver.
 Tradução: Augusta Gerchmann e Camila Reinert
 Revisão de português: Mayara Lemos